

O CORPO E A REPRESENTATIVIDADE SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE A TATUAGEM E A LINGUAGEM CORPORAL

GT 26- Sociología de los Cuerpos y las Emociones

Margarete Zacarias Tostes de Almeida*, Maria Amélia Gomes de Souza Reis**

* Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPG-PMUS/UNIRIO). Brasil – margarete@zartex.com.br

** Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPG-PMUS/UNIRIO - Universidade de Coimbra) CEIS-20 asouzareis@hotmail.com – Brasil

RESUMO

O estudo acerca do corpo torna-se relevante, por ser um dos pontos nevrálgicos nas relações sociais, uma vez que os conceitos padronizadores do comportamento e até mesmo da subjetividade humana são permeados pelo “certo” e o “errado”, advindos dos determinismos sociais. O estudo pretendido justifica-se, primeiramente, pela necessidade de compreender desdobramentos e tendências sobre a representatividade do corpo humano no cenário social contemporâneo, numa visão holística, bem como do conjunto de valores que permeiam a construção da subjetividade humana na contemporaneidade. Para tanto, urge medidas das pesquisadoras no sentido de entender o corpo segundo o aparato social e as relações de poder que o circunscrevem. Sob esse ponto de vista, pensa-se o corpo, a cultura e o social como algo dinâmico, cuja ação dos signos contidos na representatividade é capaz de suscitar o desejo de escuta da alteridade flagrada nos labirintos das simbologias a que elas o remetem num processo de semiose ilimitada. Objetiva-se neste estudo, investigar aspectos relevantes acerca da representatividade social inscrita no corpo através da “tatuagem”, em jovens do sexo feminino e masculino de diferentes regiões brasileiras, na faixa etária de 18 a 31 anos, frente à construção da subjetividade humana, buscando desvelar uma linguagem coletiva na contemporaneidade, sob a hipótese de que há um dito no não dito social que está inscrito e denunciado no corpo. Mediante a inevitável imersão no campo do saber, poder, sexualidade e educação, defende-se a utilização de alguns conceitos selecionados do corpo de doutrina de Paul-Michel Foucault(2010), Pierre Bourdieu(2008), Marilena Chauí(2006), Zygmunt Bauman(2011), C. S. Pierce (1990) entre outros, que servem de arcabouço para esta pesquisa, como perspectiva de leitura numa abordagem interdisciplinar, uma vez que o campo do conhecimento traz em seu bojo tal constituição. Numa abordagem metodológica, desenvolve-se uma pesquisa de cunho qualitativo, de caráter descritivo-analítico; os dados coletados foram devidamente tabulados e sintetizados em gráficos e tabelas, e analisados sob a aquiescência das teorizações mencionadas, considerando-se a perspectiva de interpretação das pesquisadoras. Verificou-se que a leitura semiótica sob a perspectiva de Peirce constituiu um recurso substancial para apontamento de uma provável intencionalidade pretendida.

Palavras- Chave: corpo, tatuagem, representatividade social

RESUMEN

El estudio del cuerpo se convierte en relevante, por ser uno de los puntos calientes en las relaciones sociales, ya que el comportamiento conceptos padronizadores e incluso la subjetividad humana están impregnadas de un "bien" y "mal", que surge de determinismo social. El estudio trata se justifica principalmente por la necesidad de comprender la evolución y las tendencias en la representación del

cuerpo humano en el escenario social contemporáneo, una visión holística y un conjunto de valores que impregnan la construcción de la subjetividad humana en el mundo contemporáneo. Por lo tanto, los investigadores urgen medidas con el fin de entender el cuerpo de acuerdo con el aparato social y las relaciones de poder que circunscriben. Desde este punto de vista, se cree que el cuerpo, la cultura y social como algo dinámico, cuya acción de los signos contenidos en la representación es capaz de despertar el deseo de escuchar la alteridad atrapado en los laberintos de los símbolos que se refieren a un proceso semiosis ilimitada. Objetivo de este estudio fue investigar los aspectos más relevantes de la representatividad social entró en el cuerpo a través del "tatuaje", para las mujeres y hombres jóvenes de diferentes regiones de Brasil, con edades entre 18 y 31 años, en comparación con la construcción de la subjetividad humana, tratando de descubrir un lenguaje colectivo en la actualidad, bajo la hipótesis de que hay un dicho en la vida social no dicho que esté inscrito y se termina en el cuerpo. A través de la inmersión inevitable en el campo del conocimiento, el poder, la sexualidad y la educación, aboga por el uso de algunos conceptos de cuerpo seleccionado de la doctrina de Paul-Michel Foucault (2010), Pierre Bourdieu (2008), Marilena Chauí (2006), Zygmunt Bauman (2011), C.S. Pierce (1990) entre otros, que sirve de marco para esta investigación, ya que la perspectiva de la lectura de un enfoque interdisciplinario, ya que el campo del conocimiento trae consigo una constitución. En un enfoque metodológico, desarrolla una investigación cualitativa y descriptiva-analítica de datos, recolectados fueron tabulados correctamente y que se resumen en los gráficos y tablas, y se analizaron bajo la aquiescencia de las teorías mencionadas, teniendo en cuenta la perspectiva de la interpretación de los investigadores. Se encontró que la lectura semiótica desde la perspectiva de Peirce era un recurso importante que apunta a un probable intención deseada.

Palabras clave: tatuaje del cuerpo, representatividad

INTRODUÇÃO

Trazer à baila “o corpo e a representatividade social: reflexões sobre a tatuagem e a linguagem corporal” faz emergir uma nova perspectiva de estudo e análise sobre cultura, identidade, patrimônio, simbologia em seus significantes e significados, “apresentando-se sob forma de Arte, Língua, Mito/Religião, e Ciência, implicando em relações voltadas para ver e pensar o real” (LIMA, 2008, p. 33) “mundo como representação” (CHARTIER, 1990, apud LIMA, 2008, p.33).

Eleito pelas pesquisadoras como um dos ícones de referência social e de identidade cultural, o corpo tatuado assume, no bojo deste estudo, o lugar de representante simbólico, de linguagem, de patrimônio cultural e social.

Os bens culturais possuem, também uma economia, cuja lógica específica tem de ser especificada para escapar do economicismo. Neste sentido, deve-se trabalhar, antes de tudo, para estabelecer as condições em que são produzidos os consumidores desses bens e seu gosto; e, ao mesmo tempo, para descrever, por um lado, as diferentes maneiras de apropriação de alguns desses bens considerados, em determinado momento, obras de arte e, por outro lado, as condições sociais da constituição do modo de apropriação, reputado como legítimo. (BOURDIEU, 2008, p. 9).

Sob esse ponto de vista, pensa-se o corpo tatuado, a cultura e o social como algo dinámico, cuja ação dos signos contidos na representatividade é capaz de suscitar o desejo de escuta da alteridade flagrada nos labirintos das simbologias a que elas o remetem num processo de semiose ilimitada.

Objetiva-se neste estudo, investigar aspectos relevantes acerca da representatividade social inscrita no corpo através da “tatuagem”, sob o intento de trazer um olhar sobre o corpo tatuado como um lugar de exposição identitária e cultural a partir do entrelaçamento entre as instâncias de enunciação: físico, simbólico e a cultura, sob a hipótese de que há um dito no não dito social que está inscrito e denunciado no corpo.

A questão que norteou a investigação parte do pressuposto de que o corpo tatuado enuncia valores individuais sob a perspectiva das interfaces entre a tradição secular e a produção simbólica contemporânea.

Mediante a inevitável imersão no campo do saber, defende-se a utilização de alguns conceitos do corpo de doutrina de Henri-Pierre Jeudy (2002), Pierre Bourdieu (2008), C. S. Pierce (1990), entre outros, que servem de arcabouço teórico para esta pesquisa, como perspectiva de leitura numa abordagem interdisciplinar, uma vez que o campo do conhecimento traz em seu bojo tal constituição.

O Corpo e a Representação Social: reflexões sobre a tatuagem e a linguagem corporal

Imerso na complexa rede que se constitui o processo comunicativo, é através da linguagem que o homem se revela a si mesmo e se torna senhor do mundo, como salienta Hegel (1989) ao abordar a onipotência da linguagem:

É na linguagem que pensamos [...] Acredita-se em geral, é certo, que o que existe de mais elevado é o inefável. Isso, entretanto, é opinião superficial e sem fundamento; porque, em realidade, o inefável é o pensamento, é o pensamento obscuro, o pensamento em estado de fermentação, e só é o pensamento quando encontra a palavra. Assim pois, a palavra dá ao pensamento a sua existência mais elevada e mais verdadeira.

O pensamento de Hegel situa a palavra no cerne da representação do fluxo caleidoscópico das impressões a respeito do mundo, conferindo à palavra o poder de organização deste caos. Acredita-se que, muito mais do que qualquer outro ser, é o artista capaz de promover o desvelamento entre as ideias e as coisas através da utilização inusitada dos recursos da linguagem, a qual, juntamente com o pensamento, apresenta inquestionável essência simbólica. Assim, pensamento, linguagem e símbolo interagem-se, no ato de representar, aos olhos, novas e infinitas possibilidades para a mágica da criação do mundo, que acontece por vezes incontáveis.

Dessa forma, “A linguagem representa a mais elevada forma de uma faculdade que é inerente à condição humana: a faculdade de simbolizar”. (HUYGHE apud CLARET, 1980, p. 43); autor esse o qual acrescenta que “a linguagem, como escrita, saiu da imagem, carregada do mais alto teor de subjetividade e depois serviu para comunicar as ideias, [com efeito] a ideia-palavra se enriquece, carrega-se de sensibilidade valendo-se de seu poder de suscitar imagens; atinge então a poesia”.

No que concerne à função simbólica, ainda na visão do autor, a linguagem simbólica habilita o ser humano a possuir “a faculdade de representar o real por um signo e compreender o signo como representante do real, portanto estabelecer uma relação de significação entre alguma coisa e outra coisa”. (HUYGHE, apud CLARET, 1980, p. 43). Em outras palavras, equivale dizer que o texto só cumpre seu papel se ele gerar na cabeça do leitor uma imagem ou uma simbolização dos espíritos naufragados no cotidiano.

Neste contexto, o corpo tatuado apresenta-se como um signo que traz ao real, a representação simbólica do contexto cultural e social, com todo seu aparato comunicacional, pensamento, cultura e a própria linguagem em si, na imbricada trama da subjetividade como patrimônio da ética, da estética, da política e da história. Nesta perspectiva, Chauí (2006, p. 105-107) salienta que até o XVIII,

cultura, vinda do verbo latino *colere*, que significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar, [...] era assim, a intervenção deliberada e voluntária dos homens sobre a natureza de alguém para torná-la conforme aos valores de sua sociedade. Dessa perspectiva, a cultura era a moral (o sistema de *mores* ou de costumes de uma sociedade), a ética (a forma correta da conduta de alguém graças à modelagem de seu *ethos* natural pela educação) e a política (o conjunto de instituições humanas relativas ao poder e à arbitragem de conflitos pela lei [...] a cultura era o cultivo ou a educação do espírito das crianças para tornarem-se membros excelentes ou virtuosos da sociedade pelo aperfeiçoamento e pelo refinamento de suas qualidades naturais (caráter, índole e temperamento). [...] A partir do século XVIII, cultura passou a significar, em primeiro lugar, as obras humanas que se exprimem em uma civilização, mas, em segundo lugar, passou a significar a relação que os humanos, socialmente organizados, estabelecem com o tempo e com o espaço, com outros humanos e com a natureza; [...] **agora**, cultura torna-se sinônimo de história [...], portanto, é a relação dos humanos com o tempo e no tempo. (*grifo nosso*)

Tomando como referência os pressupostos acima, a cultura assume uma representatividade significativa como patrimônio de um povo, sobre o qual, Santos (apud OLIVEIRA, 2005, p. 28) ressalta que a abrangência conceitual da “abordagem do patrimônio cultural está relacionada com a própria antropologia da cultura, como tudo o que caracteriza uma população humana ou um conjunto de modos de ser, viver, pensar, falar de cada formação social”.

Ampliando o olhar sobre o conceito de cultura, Lima (2008, p. 33) salienta que “a cultura, espaço das interpretações no qual se dá a relação do Ser Humano versus Real, produz a atribuição de sentidos/significados para o mundo natural e social”.

Nesse pressuposto, Bourdieu (2011, p. 13) afirma que a contribuição singular de uma dimensão do real que, em si mesma, não possui realidade alguma, através da cultura efetiva-se em forma de símbolos:

[...] a cultura só existe efetivamente sob forma de símbolos, de um conjunto de significantes/significados, de onde provém sua eficácia própria, a percepção dessa realidade segunda, propriamente simbólica, que a cultura produz e inculca, parece indissociável da função política. Assim como não existem puras relações de força, também não há relações de sentido que não estejam referidas e determinadas por um sistema de dominação. [...] porém, importa identificar as relações de sentido, modalidade com que as relações de força se manifestam [...]. (BOURDIEU, 2011, p. 130).

Partindo da premissa de que o corpo seja um território geográfico, um patrimônio pessoal, social e cultural, cujo principal papel é o de ser o mediador entre o sujeito e a realidade. Na abordagem de Abreu (2008, p. 48), “[...] todas as sociedades definem, classificam, distinguem e valorizam seu patrimônio, entendidos como os bens de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, e portadores de referências à identidade, à ação e à memória social.[...]”

[...] semelhante a partir de pontos focais, comparação, tanto num significado intrínseco, a identidade supõe referências ao uso de parâmetros vir a conhecer melhor o igual ou nível individual como em grupo. No caso específico de identidade cultural, os pontos de referências serão as características da cultura. (RUSSIO GUAMIERI, 1986).

Reitera-se em Bourdieu (1998) a importância do campo simbólico como agente primordial na construção do sentido no social. Sob a ótica do autor, o mundo social se articula em níveis diferentes de realidade que sustentam o mundo social: campos sociais e *habitus*. A relação entre estas instâncias permite que as estruturas se tornem corpo, e igualmente, que o corpo se faça estrutura.

Contextualizando o corpo tatuado como *locus* de exposição e de linguagem, todo corpo é um corpo político, dotado de limites que circunscrevem sua propriedade e afetado por um regime que o faz funcionar. Reportando Bourdieu (apud VALLADARES, 2005, p. 42), o estudioso salienta que “a reprodução da ordem não se confina apenas aos aparelhos coercitivos do Estado ou às ideologias, mas se inscreve em níveis mais profundos para atingir, inclusive, as representações sociais ou as escolhas estéticas”.

Nessa direção, sob a lente bourdiana, as concepções, valores, ideologias dos grupos sociais dominantes, através de instrumentos simbólicos estruturados e estruturantes, como “padrão de beleza”, por exemplo, perpassam o tempo e a história, contribuindo para o fortalecimento da ordem social em vigor. Numa abordagem reflexiva, o corpo tatuado tem sido, na trajetória humana, um lugar de exposição cultural, código de linguagem atrelado ao código social vigente.

Chauí (2006, p. 112) diz que “um símbolo, é uma coisa que se representa no lugar de outra e presentifica algo ausente”. Neste sentido, o símbolo representa a cultura: “dizer que a cultura é invenção de uma ordem simbólica é dizer que nela e por ela os humanos atribuem à realidade significações novas por meio das quais são capazes de se relacionar com o ausente”. E segundo a autora, a “presentificação do ausente é obra da linguagem”.

Partindo de tais pressupostos, o percurso e a construção cultural podem ser identificados através da linguagem simbólica disposta nas dimensões do tempo (presente, passado, futuro), do espaço (próximo, distante, grande, pequeno, alto, baixo, o visível, o invisível), o sagrado e do profano (valores como bom, mau, justo, injusto, verdadeiro, falso, belo, feio). O corpo tatuado traz em si, exposições de linguagens simbólicas, padrões estéticos, embora diferentes para diversos povos e épocas, carregam consigo significados especiais que expressem emoções e a busca pelo belo.

TATUAGEM: conhecendo um pouco de sua história

Ao mergulhar no universo histórico da tatuagem, há registros de que “nenhuma nação desconheceu a tatuagem. Encorajada aqui, proibida acolá, ela independe de geografia, classe ou calendário e é tão antiga quanto à própria humanidade”(MARQUES, 2009, p. 22). Nesse contexto, as variáveis se ancoravam na representatividade flagrante nos labirintos das simbologias contidas nos símbolos, que trazia o sabor dos grandes movimentos humanos, ora registrando a “história de vencedores e de vencidos, dos reis e dos súditos, dos inuits do gelado Ártico aos marinheiros de Santos”.(idem)

Não se pode precisar sobre a época em que a tatuagem chega ao Ocidente, entretanto, de certo já havia surpresa por parte de viajantes estrangeiros com as marcas pigmentadas e indelévels na pele dos índios.

Presente na história da tatuagem, a hipótese de que marcas de cicatrizes adquiridas em guerras, lutas corporais e caças, deram ao homem que as possuíam o reconhecimento de força e vitória, firmando, por assim dizer, o início à valorização das marcas corporais como um código de linguagem de um grupo social e cultural. Sem saber ao certo quando a ação de desenhar o corpo começou, um dos registros mais antigos foi no famoso Homem do gelo, múmia com aproximadamente 5,3 mil anos, descoberta em 1991 nos Alpes.

Segundo Laine (2011) junto com a dança e os rituais de adoração da antiguidade, provas arqueológicas comprovam que as tatuagens foram feitas no Egito há mais de 6.000 anos a.C. Há registros de múmias egípcias com mais de 3 mil anos que apresentam pontos e traços na região do abdômen, supostamente relacionados a cultos de fertilidade.

O termo “tatuagem” nasce depois da expedição feita pelo navegador inglês James Cook, na Polinésia, onde os nativos cultivavam o hábito de marcar o corpo com tinta, naquilo que eles intitulavam “tatau”.

O navegador registrou o costume em seu diário de bordo: “homens e mulheres pintam o corpo. Na língua deles, chamam isso de *tatau*. Injetam pigmento preto sob a pele de tal modo que o traço se torna indelével”. A palavra taitiana era uma onomatopéia do som feito durante a execução da tatuagem. Veio daí a versão em inglês; *tattoo*.(MARQUES, 2009, p.24)

Laine (2011) desenha uma linha cronológica sobre o uso das inscrições no corpo, indicando que a prática de marcar a pele é tão antiga quanto à própria humanidade.

Entre 2160 a.C. e 1994 a.C. Múmias de mulheres, como Amunet, possuem traços e inscrições no abdômen - **entre 600 a.C. e 500 a.C.** Múmias siberianas apresentam ombros tatuados com animais, reais e imaginários- **entre 509 a.C. e 27 a.C.** os imperadores romanos determinam que todos os prisioneiros e escravos sejam tatuados para diferenciá-los dos cidadãos mais abastados – **787** o Papa Adriano I proíbe a tatuagem alegando ser uma prática demoníaca- **entre os séculos XV e XVII** durante a invasão otomana à Europa, católicos tatuam cruces e outros símbolos da fé cristã em recusa ao islamismo - **1769** em expedição à Polinésia, o inglês James Cook observa o costume dos nativos em marcar o corpo com tinta. Origina-se o termo “tattoo” (tatuagem)-**entre 1831 a 1836** a bordo do HMS Beagle, o naturalista Charles Darwin registra que a maioria dos povos do planeta contém algum tipo de tatuagem – **1891** o americano Samuel O’Reilly patenteia a máquina de tatuar- **1942** durante a Segunda Guerra, nazistas tatuavam um número no corpo dos judeus para identificá-los – **1959** chega ao Brasil o primeiro tatuador profissional. Tratava-se do dinamarquês Knud Harld Gregersen – **1961** após surto de hepatite B, a Secretaria de Saúde de Nova York proíbe a realizações de tatuagens da cidade - **Dezembro de 2009** depois de 52 horas tatuando o corpo de Nick Thunberg, o americano Jeremy Brown bate o recorde mundial de sessão mais longa.

O autor supracitado ainda salienta que a prática da tatuagem foi iniciada como forma de expressão da personalidade individual ou de pessoas do mesmo grupo social. Pessoas de tribos primitivas se tatuavam para assinalar fatos da vida biológica – nascimento, puberdade, reprodução e morte –, bem como relatos da vida social – tornar-se guerreiro, sacerdote ou rei.

A prática de tatuar se espalhou “com os lobos-do-mar ingleses pelos sete mares. No século XIX, a tatuagem tinha virado moda entre marinheiros, operários, prostitutas e criminosos de todo tipo” (MARQUES, 2009, p. 24). No Brasil não foi diferente, “com a abertura de portos a tatuagem alcançou o submundo. [...] Por conta da chamada antropologia criminal, surgida a partir da segunda metade do século XIX, as conotações pejorativas haviam se cristalizado na Europa católica” (idem, p.24). Entretanto, a prática de tatuar em países protestantes como Holanda, Alemanha, e Inglaterra, se difundia entre reis, imperadores e aristocratas, decorando suas peles como registro do conquistador branco.

Até o início de século XX, a tatuagem no Brasil permanecia marginal. Como já descrito anteriormente, “o grande pioneiro da tatuagem no Brasil foi um ex-marinheiro dinamarquês estabelecido em Santos - São Paulo - Knud Harld Likke Gregersen (1928-1983), o “Tattoo Lucky”, que segundo Marques (2009, p.25) “depois de anos levando a vida de marinheiro, desembarcou de vez no porto de Santos em 20 de julho de 1959”. A fama de Tattoo Lucky alcançou destaque por volta dos anos 1970, quando a tatuagem estava em alta nos Estados Unidos, mais especificamente em São Francisco, Califórnia. Reitera Marques (2009) que lá se tatuaram ícones pop como Janis Joplin, Peter Fonda e Joan Baez, o que criou condições para a adesão da juventude consumidora de modas. Desta forma, a tatuagem chegou até o Brasil, assim como em tantos outros lugares.

METODOLOGIA: natureza, sujeitos e instrumentos da pesquisa

Pela própria natureza do estudo, foi eleita a metodologia qualitativa, a qual como elucida Trivinõs (1987, p. 130) propicia o enfoque dialético que parte da complexidade do real, “que é analisado em sua aparência e em sua profundidade, para estabelecer, ‘a coisa em si’, o número, que se definem e se justificam existencialmente na prática social”. Ainda, como no dizer de Lüdke e André (2001, p. 12), a pesquisa qualitativa releva “o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida” como “focos de atenção especial pelo pesquisador”. Nesse contexto, para atender aos objetivos propostos pela pesquisa, o método adotado foi o analítico-descritivo, o qual contemplou o levantamento bibliográfico e a coleta de dados predominantemente descritiva. Dessa forma, o estudo consistiu no exame de produções registradas por estudiosos da Linguagem, do Simbólico e da Cultura focalizando o corpo tatuado como um lugar de exposição identitária e cultural, a partir do entrelaçamento entre as instâncias de enunciação: físico, simbólico e cultural.

O presente estudo teve como universo amostral 50 pessoas de várias regiões brasileiras, com idades entre 18 a 31 anos, gênero masculino e feminino; justificando-se a escolha desses sujeitos-atores no fato de que as pesquisadoras buscam um olhar plural das culturas e do *modus vivendi* de regiões do Brasil, até mesmo do exterior.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, foram convidadas a participar do estudo pessoas que tinham tatuagem; após o aceite, houve a permissão de entrevista através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi utilizada, também, a “entrevista semiestruturada”, a qual se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as adaptações necessárias para melhor compreender o contexto. Dentro dessa perspectiva, as questões norteadoras foram: qual o significado da tatuagem para o entrevistado e através da tatuagem, qual a mensagem gostaria de emitir às pessoas que a vissem?

E, nesse sentido, mister se faz elucidar que, no enfoque qualitativo, como propõe Trivinõs (1987, p. 146) as perguntas fundamentais que constituem, em parte, esse tipo de entrevista, não emergiram *a priori*: são resultados não apenas da teoria que sustenta a investigação, como também de toda a informação que o pesquisador já recolheu sobre o fenômeno que interessa.

RESULTADOS/ DISCUSSÃO

Os dados que emergiram da aplicação dos instrumentos metodológicos foram analisados à luz de uma abordagem teórico-metodológica pierciana, procedendo à extração do conteúdo emanado das entrevistas, partindo do pressuposto de que o trânsito entre o pensamento e a compreensão de um dado texto fundamenta-se no mesmo elemento integrador, o signo (a tatuagem). Mister se faz ressaltar que este é um momento fulcral, contudo, complexo, no qual o pesquisador não deve deter sua atenção apenas ao conteúdo revelado nos dados, mas procurar desvelar o conteúdo oculto nas mensagens. Para tanto, segundo Bardin (1977, p. 117) “a maioria dos procedimentos de análise organiza-se [...] em redor de um processo de categorização.” Bardin descreve categorização como uma operação que classifica os elementos que constituem um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (isto é, analogia), como critérios previamente definidos.

No tocante aos dados deste estudo, o encaminhamento de organização e análise respalda-se no referencial teórico de Peirce, no campo da Semiótica, cuja âncora encontra-se na existência de uma relação triádica compreendendo categorias fundamentais do pensamento e da natureza. Neste sentido, estão presentes como integrantes desta relação, Neste sentido, estão presentes como integrantes desta relação, o **sinal** ou **signo**, como algo que de algum modo, representa alguma coisa para alguém; a **designação** ou **objeto** que representa alguma coisa e o **intérprete** em qualquer processo em que alguma coisa funciona como sinal para outrem.

É fundamental a ideia de que há uma cadeia de interpretantes, por permitir conceber a ação do signo (semiose) como um processo dinâmico. Um signo que é determinado por outro signo é chamado por Pierce (1990) um interpretante deste último. O interpretante é, pois, outro signo, um mediador. Serve de intermediário entre o signo antecedente e o objeto que tem em comum com este último. Em tal pressuposto, se todo signo é gerado por outro signo, pode-se dizer que todo signo é interpretante.

Seguindo essas direções, encaminhando o levantamento de categorias de análise no referencial pierciano, as categorias emergiram a partir da incidência e/ou prevalência do discurso emanado nas entrevistas. Nesse contexto, sublinha-se que as categorias não foram apriorísticas, mas, sim, originadas na dimensão simbólica do imaginário dos depoentes/interpretantes, seguindo, como no dizer de Trivinõs (1987, p. 146), “espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo pesquisador [...]”.

Posto isso, pretendendo uma aproximação mais verdadeira possível com a realidade, chegou-se, neste estudo, à grade final que conduziu ao quadro de categorização no qual os dados foram quantificados, configurando seu percentual, visando conferir confiabilidade, fidedignidade e veracidade científica aos resultados. E, nesse sentido, evidencia-se o fato de que foi fundamental recorrer aos referenciais teóricos, na perspectiva de fazer ligações, analogia, que permitiram apontar os achados do estudo.

ÍCON E Tatuagem	CATEGORIAS													
	SÍMBOLO DO INFINITO		AMOR ETERNO		PROTEÇÃO		FALTA (AUSÊNCIA DE ALGO OU ALGUÉM)		BELEZA		SENSUALIDADE		NÃO SOUBE RESPONDER O QUE SIGNIFICA SUA TATUAGEM	
	FA*	FP*	FA	FP	FA	FP	FA	FP	FA	FP	FA	FP	FA	FP
50	25	50%	40	80%	05	10%	5	10%	45	90%	8	20%	15	30%

*FA = Frequência Absoluta: refere-se ao número total de respostas.

**FP= Frequência Percentual: refere-se à porcentagem do total de respostas.

O corpo além de uma organização biológica, revela o que temos de mais particular, a singularidade, entretanto, paradoxalmente constitui-se como um objeto particular e social por exibir as dimensões identitárias pessoais, bem como sócio-culturais.

Santaella (2004) destaca que o corpo sob a perspectiva de imagem do mundo próprio, entrou em crise no século XX, uma crise do sujeito, do eu, da subjetividade, que coloca em reflexão, antes de tudo a corporeidade e corporalidade. A ênfase atribuída ao realce do corpo vem provocando reflexões legais, éticas e antropológicas. Segundo a autora, o corpo foi se tornando um espaço de múltiplos investimentos e inquietações psíquicas, comunicacionais, culturais, sociais, antropológicas e filosóficas.

Bourdieu (2008) e Santaella (2004) ressaltam a constituição do corpo pela linguagem e Merleau-Ponty (apud SILVA, 1994, p.12), corrobora ao afirmar que “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, porque só a linguagem funda realmente sua realidade, que é a de ser-no-mundo.”

Santaella (2004) chama atenção sobre o corpo como constructo social sobredeterminado pelo inconsciente, pela sexualidade, produto de valores e crenças sociais que numa espécie de simbiose cada vez mais íntima, o sujeito faz emergir pela imagem corporal, formas que transcrevam, de maneira particular, seu momento identitário. Nesta perspectiva, a autora trabalha sob a hipótese de que o corpo tornou-se um sintoma da cultura.

Bourdieu (2008) caracteriza o corpo como lugar de categorização social, como superfície de inscrição de marcas distintivas. Sob este pressuposto, a pesquisa sobre tatuagem e a linguagem corporal trouxe contribuições no sentido que fez emergir do universo pesquisado categorias que suscitam reflexões sobre o corpo como instância de representatividade social. No entanto, como postulam Ferreira e Lima (2008, p.2) é importante salientar que

a linguagem é ideológica, social, histórica e cultural e que está vinculada à vida do ser humano; [...] aos vários contextos onde se constrói e se desenvolve [...], entre eles estão os aspectos sócio-histórico-culturais. Por isso, entendemos que é na linguagem, como uma ação humana, que está inserida toda uma história adquirida através das experiências vivenciadas pelo indivíduo. Este aspecto se apresenta como uma rede de significados que revela o indivíduo no mundo a partir do contexto sócio-histórico-cultural em que vivem.

Posto isso, mister se faz ressaltar que os dados emanados da pesquisa representam uma parcela da linguagem social, ou seja, não apresentam resultados generalistas, mas um resultado de um universo amostral que se difere a cada experiência cultural.

À luz da semiótica pierciana, ao escolher um signo – *a tatuagem* – inicia-se de certo modo, um processo de representação para alguém; ao designar o objeto – *o que será tatuado* – confere-se a representatividade a alguma coisa e por fim, o interpretante ocupa o lugar em que alguma coisa funciona como sinal para outrem.

O resultado da pesquisa demonstra que as interpretações, embora subjetivas, apontam para uma convergência cultural no que tange à valorização e ao entendimento do que está exposto. Despontou em níveis percentuais significativos, a valorização do “*símbolo do infinito*”, “*amor eterno*”, *bem como o da “beleza*”. A hipótese de que há um dito no não dito social que está inscrito e denunciado no corpo, foi corroborada durante a pesquisa por observar que nos relatos os entrevistados procuravam traduzir em palavras, sentimentos que muitas vezes eram melhores representados pelo(s) ícone(s) tatuado(s) do que pela linguagem falada. Neste sentido, a linguagem inscrita no corpo busca transmitir ao outro, sentimentos profundos, desejos e inquietudes, que enunciam características identitárias ou sócio-culturais que atravessam o sujeito e que o faz pronunciar-se. Ficou evidenciado que não há uma linguagem com um significado único, mas que múltiplos serão os fatores que irão interferir na constituição do sujeito frente ao(s) grupo(s) sócio-culturais do qual faz parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem é um importante instrumento que permite nomear, presentificar, imergir no imaginário cultural de cada povo, bem como relatar história e cultura. Neste pressuposto, o corpo como linguagem, denuncia, expõe, explicita e transcreve, através do simbólico, o que entrecorta o real, ao mesmo tempo em que interioriza as relações de poder que reproduzem o que é possível retratar da

constituição da identidade e da subjetividade. Logo, o corpo tatuado como um lugar de representação da linguagem social evidencia sentimentos e emoções, bem como a teia que tece a trama simbólica dos interesses dominantes.

Este estudo, deixa entreaberta a porta para próximas e inevitáveis buscas investigativas, no que concerne à importância de estudar o corpo e a sua relação com memória, sociedade, identidade cultural e social, ética, que em tempos fluidos faz emergir a necessidade de recortes no real, viabilizando trazer à luz do conhecimento compreensões de símbolos que exponham e traduzam as linguagens culturais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Patrimônio etnográficos e museus: uma visão antropológica. In: DODEBEI, Vera;

ABREU, Regina (Orgs.). **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade federal do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Neto; Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. 1. reimpr. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CASTRO, Suzana. **O mito moderno da Mulher Maravilha**. Disponível em: <->. Acesso em: 26 set. 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CLARET, Jacques. **A ideia e a forma: problemática e dinâmica da linguagem**. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: 1980.

FERREIRA, Lúcia Gracia; LIMA, Daniel Fernandes. **Linguagem, Cultura e educação**. Periódico de Divulgação Científica da FALS, Ano I - Nº 02- Março de 2008. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela11/culturalinguagem.pdf>. Acesso em: 29/07/2013.

HEGEL, G. W. F. **Lecciones sobre la filosofia de la historia universal**. Madrid: Alianza Universidad, 1989.

LAINE, Arnold. **A história da Tatuagem** (2011). Disponível em <http://letraecultura.blogspot.com.br/2011/03/historia-da-tatuagem.html>. Acesso em 26 jun de 2013.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Herança Cultural (re)interpretada ou a memória social e a instituição museu: releitura e reflexões. **Museologia e Patrimônio**, v. 1. p. 33-43, 2008. Disponível em : <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/4/2>>. Acesso em 10 fev. 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2001.

MODIFICAÇÃO CORPORAL NA CULTURA DE ALGUMAS TRIBOS. Disponível em: <<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://bocaberta.org/wpcontent/uploads/2008/11/mulher-girafa.jpg&imgrefurl=http://bocaberta.org/2008/11/modificacao-corporal-na-cultura-dealgumastribos>>. Acesso em: 20 set. 2012.

MARQUES, Toni. Questão de pele. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 4, nº 40, jan 2009.

MULHER MUÇULMANA. Disponível em: <<http://downloads.open4group.com/wallpapers/mulher-muculmana-d5ca4.jpg>>. Acesso em: 20 set. 2012. (Figura 05)

OLIVEIRA, Ana Gita de. Salvaguarda do patrimônio cultural: bases para constituição de direitos. In: **Anais do Seminário Patrimônio Cultural e Propriedade Intelectual: proteção do conhecimento e das expressões culturais tradicionais**. Belém: CESUPA/MPEG, 2005.

PIERCE, C. S. **Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. **Semiótica e Filosofia**. Trad. Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1972.

RUSSIO GUAMIERI, Waldisa. **Le musée et lês ambiguïtés de l'identité patrimoniale**. Symposium Museology and Identity. Estocolmo: ICOFOM Study Series 10, 65-71, 1986.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. 2.ed.São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Úrsula Rosa da. **A linguagem muda e o pensamento falante**. Sobre a Filosofia da Linguagem de Maurice Merleau-Ponty. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

SCHEINER, Tereza C.M. **Comunicação – Educação – Exposição: novos saberes, novos sentidos**. Texto de aula. Rio de Janeiro, set. 2001.

_____. **Museus e Exposições: apontamentos para uma teoria do sentir**. Comunicação em Museus 01. Seminário do Comitê Internacional de Museologia do ICOM (ICOFOM) sobre Linguagem da Exposição. Vevey, Suíça, out. 1991.

_____. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. In: **Dossiê Museologia e Patrimônio**. BOLETIM Ciências Humanas, v.7, n.1. Janeiro/Abril de 2012 Disponível em:

<<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1981-81222012000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>>. Acesso em: 06 jun. 2012.

TRIVINÕS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. (12. tiragem).

VALLADARES, Kátia Krespsky. **Sexualidade**: professor que cala nem sempre consente. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.